



Editor: ALEXANDRE AUGUSTO CERTÁ

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS — RUA DO SEculo, 43 — LISBOA

DEPENANDO A AGUIA



Preparativos culinarios

para a canja da paz.

PALESTRA AMENA

Coisas varias

E' possivel que, á hora a que este jornal fôr do dominio publico, o verão tenha entrado no legal exercicio das suas funções, torrando as carnes e derretendo as poucas banhas dos nossos patricios. Até agora, graças ao Senhor, o estio tem brilhado pela sua ausencia quasi absoluta, pois raro é o dia em que se não sinta necessidade, ai por volta das oito horas da tarde, que vem a ser as seis antigas e as 5,30 antiquissimas, de vestir um sobretudo para não se andar por essas ruas a bater o queixo.

Ha frio, frio a valer e nevoeiros e humidades que enregelam as carnes e vão instalar nos ossos do infeliz lisboeta o maldito reumatismo,

que é um dos peores flagelos que pôde apoquentar a humanidade.

Decididamente, para tudo andar fóra dos eixos, até o tempo está destrambelhado, fazendo o que lhe vem á senil cabeça, sem se importar com as obrigações que tem de cumprir para conosco, simples particulares, e para com os senhores agricultores, que querem sol na eira e chuva no nabal em certa época e vice-versa em outra época também certa, senão veem para os jornaes, atribuindo os desregramentos do tempo a manejos do sr. Afonso Costa, a intrigas do sr. Brito Camacho, a complacencias do sr. Antonio José de Almeida e á politica anti-patriotica do sr. Moreira de Almeida.

O que tem graça, mesmo muitissima graça, é que os jornalistas, os poetas e os simples verbaes, continuam lançando aos quatro ventos que isto é um paiz ideal no que toca a temperatura. Bem diz o ditado, que dá Deus frio conforme a roupa.

A respeito de subsistencias...

A respeito de subsistencias, isto vai bem, coronel Malhão!

O copo de cacau que tomamos todas as noites passou de tres a quatro vintens e, segundo nos informaram, a isca sem elas passou de vintem a trinta réis e a com elas de trinta réis a meio tostão.

De maneira que a comida dos pobres — não se trata apenas de iscas, o bacalhau está também a seis tostões — passou a ser comida de ricos. Bem, seja.

Mas que demonio comerão agora os pobres?

Palavra que isto não é chuchadeira, nem nós a iamoz fazer em tão grave assunto. Mas por mais que matutemos, não afinamos com a solução do enigma... Que demonio comerão os

pobres?

Um par de botas está por sete escudos e sete escudos e meio. Saltou então para estes ultimos cinco tostões n'um instante, graças ás ordens terminantes do sr. governador civil para que vendedores de jornaes e cauteleiros andem calçados.

E' claro que os rapazes não compram botas; mas pedem-nas e com tanta insistencia, com tanta lamuria, que toda a gente lh'as dá... privando-se do seu calçado. Toca, pois a comprar outro... E aqui está o sr. governador civil a perseguir... os pobres nas pessoas dos remediados!

Mas, se o tempo não sabe a quantas anda, natural é que o sr. governador civil não atine bem com o regular exercicio das suas funções.

Explicado como fica o milagre dos rapazes dos jornaes andarem calçados, é natural que s. ex.^a venha a determinar o seguinte:

Artigo tal—Os vendedores dos jornaes deverão andar calçados... com as botas dos freguezes.

N'esse dia é possivel que também o verão tome a resolução de nos fazer bufar e suar as estopinhas.

João Ripanso.

Perigo do alcoolismo



—Não é possivel calcular os perigos do alcoolismo!

—A quem o sr. o diz! Hontem, o meu criado ia deitando fogo á casa quando acendia uma lamparina de espirito de vinho.

Os AZes

Agora também o Jardim Zoologico tem a sua coleção de amigos. Não se vá julgar que se trata de bichos: são realmente pessoas amigas do Jardim Zoologico.

Esta nova legião é conhecida, segundo os jornaes pelos AZ.

Um AZ já ofereceu ao Jardim um hipopotamo.

Os outros AZES não ofereceram nada.

São azes que... se metem em copas.

DE FÓRA

Soror Mariana

A doce portugueza que o meu ser
Mals lhe apraz consagrar, apalxonado,
Não fol á guerra nem se fez soldado
N'um épico d-sejo de vencer.

Aquela que eu mais lembro com prazer
E' soror Mariana Alcoforado;
Ao menos esta mostra ter amado,
Compreendido a missão que a fez viver.

E se ela d'um francez se enamorou
E o seu peito amoroso, embora esquivou,
Os portuguezes breve d-sprezou,

Descobre-se, bem rapido, o motivo:
Ha multos anos que isto se passou
E n'esse tempo inda eu não era vivo.

BRAMÃO D'ALMEIDA.

Coisas nosas

Má lingua dirão vossas mercês, ao lerem o titulo *Coisas nosas* e ao profetisarem, com essa inteligencia de que se envaidecem justamente, de que vamos descobrir alguns dos nossos pôdres. Má lingua é verdade; mas a medicina moderna ainda não substituiu o caustico por medicação menos violenta e o velho aforismo «o que arde cura» é hoje de aconselhar, como antigamente.

Posto isto saibam vossas mercês que em tempos se criaram alguns logares florestaes para os quaes, segundo a lei, era necessario o curso de silvicultura. Até aqui todos acharão bem, tanto mais que nos parece que os logares eram precisamente de silvicultores.

Ora, como nas nossas escolas não havia cur-o de silvicultura, resolveu o governo subsidiar certo numero de individuos, habilitados com cursos superiores, para irem frequentar a silvicultura em Nancy. E isto acharão vossas mercês que também foi muito bem pensado.

Partiram os rapazes subsidiados, fizeram o seu curso com aquela applicação e esportezza que distingue os portuguezes onde quer que se encontrem, e tres anos depois voltaram, completamente diplomados, na intenção de preencher os logarsinhos.

Agora, que imaginam vossas mercês que tinha acontecido n'estes tres anos? Apenas isto: O governo tinha preenchido os ditos logares... por individuos que não possuíam o curso.

Isto era d'antes. Agora é coisa parecida.

Pobres homens

O sr. ministro da instrução determinou que se enviasse uma circular aos professores primarios recomendando-lhes que se devem abster de se imiscuir demasiadamente na politica.

Querem que os pobres homens se abstenham de tudo. Eles que chegam a ponto de se abster de almoçar e jantar.

Só lhes falta o Amilcar de Sousa á perna.

Mentira

Um jornal estrangeiro afirma que a Alemanha gasta rios de dinheiro com certa imprensa do paiz visinho, para que esta se lhe mostre favoravel. Fala em 250.000 francos.

Ái está uma coisa que não acreditamos. Já é vontade de mentir!

Basta uma pessoa ter dois dedos de raciocinio para vêr que devem ser marcos.

CORRIGINDO



—Mas que bestas que nós somos!
—Homem, fala no singular.
—Tens razão. Mas que besta que tu és!

EM FOCO

(CASTELO BRANCO)

E' este o professor da Indumentaria,
"Costumier", se diz em francezia,
Com quem a minha musa reinadia
A's vezes tem brincado, em rima varia.

Agora á mesma deusa milionaria
Apraz oferecer esta poesia
Ao dito, pelo brilho e fantasia
Em certa peça, que ha-de ser lendaria.

Não sei dizer qual é, se farça ou drama,
Se é teatro moderno, se é antigo,
Se Cast. los no ar' ela se chama;

Somente que é lindissima, vos digo,
E a geraram dois pandegos de fama,
Um, pelo menos, muito meu amigo...

BELMIRO



TEATRADAS

Carta do "Jerolmo"

Mulher d'um hanjo

Lá avriú o Republica este vrão cuma pe-sa de dois rapazes munto simpate-gos cujo nume não me alembra; um é açim a modos Chuvalbaco ó coisa par-sida i o outro tanho debacho da lingua. Fazeram pois uma pessa xamada *Castelos nu ar* qué toda xeia de filusufias i uns dizen qué revista, oitros fábola, oitros mágeca, oitros upreta—imflm, é a istoira du noço cubrinho cando teve a irdansa du pai que Deus tem, ce julgou munto rico i foi currem mundo. Alembraсте? paçado um ano istava oitra vez im Peras Ruivas i casavaçe cum a prima, que teve mais ciso ca ele i cum a metade du dinheiro quele le dechou cum-prou um cazal i ómentou que era um gosto vello.

Ce gostei da pessa, prégunta-rás tu. O' filhal pois não have-ra de gustar! Immagina cus ótores ção tão mès

amigos que in cada noite quela se arre-presentava me da-vam uma vò ma-quia de maça; gostei já ce çabe i oitras que vanham açim.

Canto ó desimpã-nho o prencepal foi

o ceguinte, que te bou dezer pur balo-res bisto istarmos in tempo de iza-mes:

Pernas da Luz Belosa.	15 valores
Carinha da Alvertina de Uliveira.....	15 "
Telha da Angila.....	16 "
Grassa du Joaquim Costa.....	18 "
Ido, da Barbra.....	17 "
Vuzeirão du Rafael....	13 "
Voz da Xustina.....	14 "
Ido da Salsicha.....	12 "
Tipus du Martins dus Santos.....	13 "

Pur falta de mimoiira não sito oitros intrepêtes diguenos de menssão.

I cumo u açunto é milindroso cun is o nan te infado mais i ponho ponto cun um sódos bejo

Du teu cempre marido

Jerolmo

Emprezario do Paultteam
de Peras Ruivas

OS GRANDES HUMORISTAS

O artigo do sr. Bloque

O nosso respeitavel amigo, sr. John William Bloque, de Virginia City, en-trou hontem a hora avançada da noite na redação cuja chefia me está confia-da na ausencia do dir'or.

A sua atitude era a de um homem profundamente acabrunhado. Dando um grande suspiro, depôz sobre a mi-nha mesa uns tantos quartos de papel, retrocedeu até á porta, e uma vez ali, tentou pronunciar algumas palavras de despedida. Só pôde dizer com voz entrecortada:

—Triste e espantoso acontecimento, meus amigos!

Vimo-lo depois enxugar os olhos, fazer uma reverencia muda e deslisar pela porta sem fazer o menor ruido.

De tal modo nos comoveu a cena, que ninguém se atreveu a chamar o sr. Bloque e a dirigir-lhe as costumadas frases de condolencia.

O jornal estava na maquina, mas compreendendo a importancia que de-via ter o artigo do nosso colaborador e desejando que a publicação d'aquelle seu autografo levasse doces consola-ções ao seu coração lacerado, suspen-demos a tiragem e inserimos as linhas seguintes:

"Triste acontecimento

Hontem de tarde, ás seis, e no mo-mento em que o sr. William Schuyser, um antigo e respeitavel cidadão de South Park, saía do seu domicilio para dar um passeio segundo o costume de ha muitos anos, e que só interrompeu poucos dias na primavera de 1850, por se ter visto obrigado a ficar de cama em consequencia de lesões recebidas

quando detinha um cavallo desbocado, ante o qual se colocou imprudentemen-te, levantando os braços e gritando, com o que aumentou o espanto do cor-cel, que longe de moderar a sua des-enfreada carreira a acelerou em termos fantasticos, causando enorme susto á sogra do sr. Shyles, que, por casuali-dade presencava o caso, e dizemos por casualidade, porque a boa senhora costuma sempre estar longe de sitios onde haja perigo, no que se diferencia absolutamente da mãe do sr. Shyles, dama intrepida que faleceu n'um in-cendio ocorrido em fins de 1849, e que destruiu tudo o que a veneranda se-nhora possuia. Mas—assim é a vida! sirva-nos de exemplo esse aconteci-mento e procedamos de maneira que estejamos sempre em disposição de morrer na graça de Deus. Ponhamos a mão sobre o coração, e comprometamo-nos solenemente a abster-nos de abusar no futuro de toda a bebida alcoolica."

O redator em chefe acaba de entrar no meu gabinete e o seu aspeto é de alarmar o espirito mais sereno. Desafa-ga a sua indignação dando murros sob-re a mesa, arrancando os poucos cabelos que lhe restam, e injuriando-me como a um vulgar gatuno.

Diz-me que sempre que me confia a direção do jornal, ainda que seja ape-nas por meia hora, me deixo embarri-lhar pelo primeiro imbecil que me apa-rece. Acrescenta que o desastrado ar-tigo do sr. Bloque é um acervo de ber-nardices, que não tem senso comum, que não presta para nada considerado como simples noticia, e que eu não de-via ter suspenido a tiragem do jornal para inserir semelhante baboseira.

(Continúa).

Melhoramentos de Lisboa

Parece que a Camara Municipal não pôde com uma gata por aquele sitio que os senhores sabem, não é verda-de? Pois consta que vae transformar de tal modo as margens do Tejo que ficam um assombro. Deixarão até de ser margens!

Por emquanto o que está planeado é simples: a estatua de D. José vai ser removida para cima da torre de Bel-lem, o edificio da Cordoaria passa pa-ra o interior da estação do Caes do So-dré; os Jeronimos mudam-se para a Outra Banda e o Lazareto para esta, etc. Mas quando se encetarem obras de mais vulto, como por exemplo a mudança da sede da Companhia do Gaz para a 3.ª repartição da Camara Municipal, sempre havemos de vêr onde se ha-de ir buscar dinheiro que che-gue para tanto!

PARA SE NÃO IR COMBATER

(Continuação do 2.º episódio da 7.ª parte do PÉ FATAL)



1. Manecas, uma vez ao serviço da Companhia do Olho do Gaz Vivo, descobre que na direcção existem disfarçados, membros do Estado Maior boche.



2. O fim dos boches é impedir a nossa participação na guerra e para isso os seus assalariados fazem gaz de agua, envenenando a população.



3. Então Manecas dirige-se aos directores e diz-lhes que tem melhor maneira de acabar com os lisboetas.



4. A qual maneira é provocar Intermittencias na luz, de modo que as pessoas, com os tremeliques da iluminação, fiquem sofrendo de ataques nervosos.



5. Assim acontece, ficando os alfacinhas catracegos e incapazes de dar um passo.



6. Correm as vítimas aos medicos especialistas de doenças de olhos e'ell-os impossibilitados, efetivamente, de ir para os campos de batalha.



7. Ao mesmo tempo os empregados da Companhia do Olho do Gaz Vivo aproveitam-se da escuridão para furar a canalisação. Aô!



8. E assim provocam explosões, deliquos, mortes e muitas coisas mais que no proximo numero verá o leitor curioso.